



AS NOVAS TECNOLOGIAS, QUE PERMITEM A PSICANÁLISE A DISTÂNCIA INOVAM A TRADIÇÃO? OU ELAS DIFICULTAM A COMPREENSÃO DAS NOVAS INOVAÇÕES TEÓRICAS E TÉCNICAS DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo¹

RESUMO.

A autora questiona o uso das novas tecnologias no tratamento de pacientes em forma habitual. Aceita seu uso em situações agudas e excepcionais. Fundamenta metapsicologicamente, as dificuldades para mergulhar nos Estados Mentais Primitivos, que se expressam na linguagem pré-verbal, não verbal; às vezes, inacessíveis à palavra simbólica. A associação livre nasce do modelo neurótico de Freud. Na contemporaneidade, o paciente não neurótico, exige uma relação inédita, íntima presencial, na qual as manifestações sensoriais possam ser sonhadas, intuídas, compreendidas e transformadas pelo analista. A autora se opõe ao uso destas tecnologias na análise de futuros analistas. Vinhetas clínicas ilustram o trabalho.

Palavras-Chaves:

Psicanálise a distância, Estados Mentais Primitivos, Formação analítica, Psicanálise contemporânea-

¹Miembro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Psicanalista de Crianças e adolescentes- Brasil E-mail: alicia.lisondo@uol.com.br

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

RESUMEN:

La autora cuestiona el uso de las nuevas tecnologías en el tratamiento de pacientes en forma habitual. Acepta su uso en situaciones agudas y excepcionales. Fundamenta metapsicológicamente, las dificultades para alcanzar los Estados Mentales Primitivos que se expresan en el lenguaje pre-verbal y no verbal, a veces, inaccesibles a la palabra simbólica. La asociación libre nace del modelo neurótico de Freud. En la contemporaneidad, el paciente no-neurótico, exige una relación inédita, íntima, presencial, en la cual las manifestaciones sensoriales puedan ser soñadas, intuídas, comprendidas y transformadas por el analista. La autora se opone al uso de estas tecnologías en el análisis de futuros analistas. Ejemplos clínicos ilustran el trabajo.

Palabras clave:

Psicoanálisis a distancia, Estados Mentales Primitivos, Formación Psicoanalítica, Psicoanálisis contemporáneo.

SUMMARY:

The author questions the use of new technologies in the treatment of patients in a usual way. Accepted its use in acute and exceptional situations. Based metapsychology the difficulties to dive into Primitive Mental States, which are expressed in the preverbal, nonverbal language; sometimes inaccessible by symbolic word. Free association is born from Freud neurotic model. Nowadays, the not neurotic patient requires an unprecedented, intimate presence relationship, in the sensory manifestations can be dreamed, intuited, understood and processed by the analyst. The author opposes the use of these technologies in the analysis of future analysts. Clinical vignettes illustrate the work.

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

Key words:

Distance psychoanalysis, Primitive Mental States, Analytic training, Contemporary psychoanalysis.

Por que a reflexão psicanalítica contemporânea tende a perder de vista frequentemente, a comprovação clínica e freudiana segundo a qual a vida psíquica tem como base as qualidades sensíveis? Didier Anzieu.

“Actions speak louder than words” Pg 125 Bion 1970

INTRODUÇÃO:

A tecnologia que tanto amplia nossos horizontes para nos comunicar com o mundo pode vir a ser uma perigosa tentação quando usada na clínica rotineira e indiscriminadamente. Comungo com seu uso em momentos agudos e excepcionais.

As novas tecnologias não substituem o encontro humano, íntimo e presencial. Não é possível apagar as diferenças¹. O paciente precisa saber que esta nova forma de trabalho é uma tentativa pioneira, uma prova a ser avaliada por ambos os participantes do processo. Mas é o analista o responsável por criar as condições de trabalho.

A cultura do vazio nos atravessa neste mundo pós-moderno. Um novo mal-estar é provocado (Carlisky, et.al 2000). O imediatismo na busca de resultados, o desterro das utopias, as saídas anti-*insight* com a fascinação das soluções mágicas e os atalhos *light*; a preponderância massiva e permanente

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

da imagem; o desejo de nada desejar; a perda dos ideais, a rejeição ao simbólico, são suas marcas registradas.

O desafio da psicanálise é não se submeter a esta cultura anti-prometeu, e diluir sua força revolucionária.

O uso “impensado” das novas tecnologias para analisar pacientes alterando os fundamentos do *setting* regularmente, podem levar a uma perigosa fascinação, que cega a percepção dos conluios, baluartesⁱⁱ, contra-identificações, contratransferência complementar (Racker,1959), pactos recusadores da realidade.

Concordo com Mattos (2012) quando indaga se os psicanalistas pressionados pelas demandas da pós-modernidade, não estariam procurando adaptar “nosso produto” a essas demandas. Outra é a situação quando a psicanálise, na esteira de seu fundador cria, inova, reformula teorias e com os novos modelos abre suas portas para o tratamento de crianças, bebês, pacientes psicóticos, *borderlines*.

O SETTING ANALITICO:

O *setting*, além das normas que enquadram o processo analítico, no aspecto manifesto e folclórico na fronteira com a realidade tem uma polissemia de sentidos metapsicológicos. Ele condensa a função continente- o feminino puro de Winnicott- e a função paterna na posta em cena dos necessários limites.

As mudanças criativas no *setting permitem* avançar na compreensão e significação do processo analítico quando ancoradas em conjeturas intuitivas, imaginativas a serem avaliadas. A elasticidade nos exige um permanente esforço de trabalho mental e de auto-observação para não lacear e desfigurar o vínculo. Uma questão é fazer caminho ao andar outra é perder o rumo.

O *setting* é o guardião do processo, e a condição para a criação do objeto analítico. Suas alterações são significativas e plenas de sentido. Nelas

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

dançam, e se incrustam os níveis primitivos, concretos da mente (Bleger, 1967).

Ressalto que em nome de fatores preciosos da função analítica como a liberdade, elasticidade e criatividade é possível mascarar alterações e deturpações indiscriminadas do *setting* que diluem a especificidade da psicanálise, qual seja o conhecimento inconsciente da mente, num encontro intersubjetivo íntimo, que propicie o desenvolvimento mental do paciente e do analista.

Com Winnicott (1962) desejo problematizar que o uso das novas tecnologias não corresponde a uma alteração da “análise padrão” pelas necessidades de pacientes muito difíceis. Não se trata de uma expansão metapsicológica, e sim de um recurso para viabilizar um encontro virtual, no qual as limitações espaciais e temporais são sorteadas.

Para que o analista seja capaz de realizar “outra coisa” quando a análise padrão não é recomendada ou é impossível, e poder ir ao encontro das necessidades do paciente especial, o analista precisa ter um bom manejo da análise padrão. Indago se é este o momento oportuno, para incluir nos programas de Teoria da Técnica a psicanálise a distância.

ESTADOS MENTAIS PRIMITIVOS (E.M.P.):

“No início é o caos, o abismo, o vale, o primordial.

O primeiro para o grego desprovido de ordem, matéria, forma metamorfose.”

(Ovídio)

Os E.M.P. estão presentes na personalidade total dos seres humanos, não são necessariamente expressão do *pathos*. São fonte de criatividade e acunham potencialidades a desenvolver. Os E.M.P, marcas mnemônicas do

inconsciente não reprimido, da segunda tópica em Freud, não alcançaram a representação, são pré-simbólicos, a-simbólicos e expressam-se na linguagem pré-verbal ou não verbal.

Para Freud, na segunda tópica, o id alberga o *impensável, irrepresentável, indizível no aquém e além* da palavra. .

Os E.M.P. são pré-requisitos para qualquer desenvolvimento psíquico.

No início o psíquico está colado ao soma. Por isto a linguagem corporal é importante. Quando não há nem repressão primária nem barreira de contato não podemos metapsicologicamente, sustentar o nome de sintomas. **Os transtornos dizem das dores da alma humana nos primórdios da vida mental.** Ou seja, aquém da repressão primária e da barreira de contato, aquém da palavra simbólica.

Nos E.M.P. as identificações são adesivas, superficiais, bidimensionais. O sensorial rege o mundo mental.

Ao mergulhar na mente primordial, na dimensão proto-mental e protoemocional nos defrontamos com terrores, angustias catastróficas, o *fear of breakdown*, e estados de não integração.

Se a personalidade total alberga os estados mentais do psiquismo fetal, do bebê da criança, do adolescente e do adulto, as novas tecnologias necessariamente privilegiam a palavra simbólica do modelo neurótico.

Provocativamente indago se um analista ousaria tratar a uma criança usando as novas tecnologiasⁱⁱⁱ. Se a resposta for negativa, é preciso aceitar que estados mentais infantis são quase inacessíveis com estas novas tecnologias.

A PSICANÁLISE A DISTANCIA. OS OBSTÁCULOS

Freud acentua a importância da atenção flutuante na *talking cure*. Bion desenvolve em *Atenção e Interpretação* as intuições do mestre. Para poder interpretar é necessária uma escuta atenta que pode ser prejudicada na psicanálise a distancia. A mente do analista pode estar parasitada com inquietações que interceptam sua atenção (Carlino, 2010) como o temor a

perder a privacidade com os “*hack-keables*”, as dúvidas sobre a qualidade da transmissão etc.

A *semiótica* como conjunto de sinais (*semion*) exprimem sentido. Há uma estrutura semântica encarnada nela (Rezende, 2011) a ser intuída. A polissemia da dimensão sensorial e corporal perde dimensões importantes no recorte. A *sinestesia* – a orquestra dos cinco sentidos- está necessariamente limitada, dificultando a experiência de consensualidade.

Como observar a riqueza da linguagem pré-verbal, as formas infra-verbais e não verbais da comunicação quando:

- a imagem do paciente aparece recortada pelo limite imposto pelo tamanho da tela. A parte inferior do corpo, e o ambiente não aparecem quando se usa o SKYPE. Nos tratamentos por telefone só se acessa o nível verbal. A web câmera ou o Voip não garantem uma boa percepção total.
- na janela, a imagem nem sempre aparece nítida para permitir a percepção de detalhes, cores, texturas, rasgos faciais, pregas, luminosidade, jogos de luzes e sombras. O chuva na tela obscurece a percepção.
- o olfato e o tato não entram na cena analítica. A umidade das mãos molhadas por ansiedade, por exemplo, não são diretamente acessíveis para o analista.
- a cinestesia da metade inferior do corpo não entra na cena analítica.
- a escuta verbal perde nitidez, sonoridade, nuances. As vozes do silêncio e a mudez expressiva perdem sutilezas. Como distinguir a polissemia do silêncio? Há um corte na transmissão? É um profundo silêncio de elaboração? É um silêncio voz da resistência? Ou ele é a posta em cena do vazio mental estrutural, o irrepresentável? Trata-se de um desligamento? E se o paciente adormeceu? Como perceber e discriminar as pausas, das interrupções do fluxo associativo? Scharff (2012) afirma que é possível observar alterações no tom da voz, na respiração, nas pausas e salienta o vínculo no espaço mental. Só que a relação nasce no leito do sensorial.
- como distinguir analiticamente os “atos sintomáticos no uso das novas tecnologias” (como o esquecimento do encontro, o corte na comunicação, os atrasos, a imagem fora do foco) com as dificuldades que estes recursos

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

apresentam como o desaparecimento da imagem, interrupções na transmissão, colapsos na rede que não são da responsabilidade dos participantes ?

- a musicalidade da linguagem, as nuances da entonação, o tom da voz e suas alternâncias, o ritmo, o volume da voz perdem-se quando há ruído na comunicação, falhas na transmissão, perda do sinal do satélite e outros fatores que perturbam o encontro virtual, assim como as nuances dos códigos verbal, metaverbal e paraverbal.

- além e aquém das interpretações verbais há no processo analítico ações interpretativas que não são percebidas nos encontros virtuais.

Acho como o poeta que em psicanálise não há caminhos predeterminados, eles se fazem com o andar, mas em terreno suficientemente firme, para não afundar no lodo onde os caminhos desaparecem.

A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

A clínica contemporânea, que se debruça sobre os pacientes que não podem representar, nem simbolizar, destaca a importância do inconsciente não reprimido da segunda tópica freudiana. O Id é mais primitivo nesta nova tópica. Nos pacientes não neuróticos há cisões e não repressão. Os transtornos anteriores à repressão primária e a barreira de contato, primam ao invés dos sintomas. A denegação impera sobre a negação. A necessidade brilha quando o desejo não aparece. A dissociação mente-corpo fratura a personalidade.

Os conceitos de campo analítico, terceiro analítico, o sonho alfa do analista, a intersubjetividade, vibrante conquista conceitual da psicanálise contemporânea; exigem um encontro singular, complexo, inédito, transcendente e qualificado. Como alcançar essa fina e delicada sintonia afetiva, na filigrana da relação sincrônica, quando o **com-puta-dor^{iv}** entra na cena? O magnetismo do campo perde força. Cada um dos usos, SKYPE, E-Mail, Chat, acarretam distorções específicas. Na linguagem escrita há uma sucessão diacrônica, o segredo profissional pode ser violado, se perde a espontaneidade expressiva não verbal na construção de sentido. Como não ficar ancorado no discurso manifesto? Um paradoxo. As novas tecnologias

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

podem “facilitar” em circunstâncias excepcionais e provisórias, o encontro analítico. Mas elas podem ser um obstáculo, pelas limitações que impõem, ao empobrecer e desvirtuar a essência da psicanálise.

A função analítica precisa ser nutrida, revigorada, fortalecida e não deturpada.

CRIATIVIDADE VERSUS IATROGENIA

Resulta útil e necessário uma discriminação conceptual entre a **criatividade positiva**, embalada por **EROS**; e a **iatrogenia** ou **criatividade negativa**, ao dizer de Lutemberg (2010).

Entretanto cabe distinguir um pluralismo crítico e salutar presente na criatividade positiva, de um relativismo no qual “TUDO VALE” porque nada vale.

Qualquer postura pode ser justificada graças a uma racionalização defensiva que não pensa razões.

Acho útil recorrer ao uso das novas tecnologias em situações excepcionais agudas e quando não é possível a análise com outro profissional, como por exemplo, na minha experiência, quando um paciente está internado em isolamento após o transplante de medula. Mas critico o uso das novas tecnologias em forma habitual por:

- não permitir o acesso aos Estados Mentais Primitivos, que se expressam na linguagem pré-verbal, no verbal, infraverbal; ancorados no inconsciente da segunda tópica freudiana. Eles não têm alcançado o estatuto da palavra simbólica e estão presentes em todo ser humano. Como analisar os estados autistas em pacientes tidos como neuróticos sem o acesso á linguagem pré-verbal?

- Se com Bion (1957) concordamos na existência de uma parte psicótica e não psicótica da mente, mesmo quando há recomendações específicas, para não usar o tratamento telefônico com pacientes psicóticos (Lutemberg, 2010), como

aceder a essa parte psicótica da mente, de todos nós, usando as novas tecnologias?

- Será que é possível apostar na inexistência de estados psicopáticos em todo paciente?

Os pacientes psicopáticos não seriam indicados para este tipo de tratamento.

- E se o analista se equivoca com suas hipóteses diagnósticas, ou se elas mudam, será que o analista pode mudar o *setting* como em qualquer outra análise? Será que o analista que aceita um tratamento usando as novas tecnologias, não está ofuscado pelo fascínio do feitiço que cega à percepção?

- Será que o uso das novas tecnologias não realiza fantasias onipotentes ao pretender driblar tempos e espaços nas distâncias, coordenadas do princípio de realidade, (Trotta, 2011)?

- A continuidade do tratamento através das novas tecnologias, quando o paciente muda geograficamente de cidade, estado, país; não propicia mecanismos maníacos, para negar os lutos ante as mudanças? Carlino (2010) argumenta sobre os benefícios de seguir uma análise na língua materna, possibilidade para lidar com as perdas e os ganhos ante a nova situação. Não há uma idealização do analista conhecido? Ou é o analista que tem dificuldades de enfrentar a despedida, pelas razões mais variadas?

- Com o uso das novas tecnologias não se propicia uma “pseudo gratificação incondicional” urgente, intempestiva, perigosa quando o paciente não tolera a frustração e os limites impostos pela vida, a *hybris* grega?

- Não há um privilégio dos conteúdos verbais em detrimento da função continente do encontro analítico presencial diferente do encontro virtual? Ou seja, estes meios além de oferecer uma ferramenta valiosa se bem usada, podem moldar o processo do pensamento (Carr, 2011).

- A análise, através das novas tecnologias, não facilita que o analisando num *zapping* hipercinético, e/ou numa sobre- estimulação e excitação sensorial; deixe de se retirar e concentrar em si mesmo, na regressão, tal o sentido profundo do uso do divã, na criação de um ambiente onírico de privacidade e intimidade. Carlino (2010) conta no seu livro, a experiência de psicanálise a distância, com um paciente na mesa de um café. Mesmo quando ele alerta

sobre a ameaça de ser um *acting –out* do paciente, indago se este *setting* fantástico oferece reais possibilidades de trabalho analítico.

- O paciente pode precisar de um encontro face a face com o analista para nele encontrar um espelho vivo; para se nutrir com sua expressividade facial; para controlar, para resistir á entrega analítica, para ilustrar fantasias fusionais, simbióticas etc. Mas no encontro presencial corpo a corpo, os sentidos desta necessidade serão trabalhados no próprio processo. Outra é a situação quando o paciente não pode deitar, ou quando com um iPhone ou um Blackberry o *setting* é além de virtual é ambulante,
- Não é arriscado não zelar com rigor, nas exigências da formação analítica, quando é um analista quem é analisado também a distancia, em nome da difusão, democratização e expansão da psicanálise?

Pelas exigências solicitadas a um futuro analista, no exercício da profissão impossível e insalubre, penso não ser aconselhável realizar um análise de formação por SKYPE, mesmo contemplando sessões presenciais como comenta Canestri, (2011), quando o uso destes recursos tecnológicos, estão na etapa de investigação do método e seus resultados.

- Não há no *setting* uma cisão entre as sessões a distancia e as sessões presenciais?

Um analista pode argumentar humoristicamente, que nas primeiras analisa a parte neurótica do paciente e nas outras sessões a parte primitiva. Só que ele estaria impregnado de memória e desejo, com sua mente poluída ocupada com predeterminações, ao invés de estar aberto e fazendo uso da capacidade negativa. Esse *setting* pode condicionar e propiciar cisões perigosas,

- E se nosso paciente “virtual” é um adicto ás novas tecnologias, ou se ele tem uma relação simbiótica ou autista com elas, o analista não propicia essa imersão digital patológica, quando oferece ou aceita o uso destes recursos no *setting* como no paciente da II vinheta?.

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

- E se com o uso dessas novas tecnologias o analista ao invés de editar o novo, repete as falhas vivenciadas pelo paciente com os objetos primários, re-traumatizando-o, na eterna repetição (Hartke,2005? Será que o paciente apresentado por Giovannetti (2011), com duas certidões de nascimento, a primeira sem o nome do pai, vive a experiência da lei paterna e dos limites ao ser tratado por Skype? Ou na cilada transferencial ele repete *ser especial* o trauma precoce, o quase não encontro presencial com o analista? Ambos constroem o sentido de estar “*aí, num locus virtual.*” Só que o espaço cibernético não tem nacionalidade, está além das exigências de identidade geográfica e jurídica (Carlino, 2011). Seria possível ter iniciado a análise de outra forma com este paciente? Que fica fora da mira analítica, não pela essência na nossa ciência, mas pelo uso destes meios?

Quais os efeitos inconscientes, na transferência total, quando um paciente se depara com “*falha na chamada*”, “*Chamada em espera*”, “*Hold on while we try the call back*” ?

- Não é um perigo lidar com um “*falso-self-analítico*” sobre adaptado às exigências e ideais deste novo mal estar na cultura?

- Os critérios e possibilidades de analisabilidade precisam nascer das entranhas da identidade analítica que contempla a cultura, o nível social, econômico, antropológico histórico; mas a eles não se submete.

VINHETAS

A) A autora como paciente. Um exemplo polêmico.

No dia 13 de outubro de 2008 num acidente de carro, sofro lesão medular quedando paraplégica. Sou internada em Campinas, cidade que não oferece os recursos necessários para a assistência adequada. O traslado para a cidade de São Paulo para ser atendida num hospital de excelência, era uma decisão difícil pela fratura na vertebra cervical e os riscos de outra lesão medular.

A minha família em desespero, ante o impacto do trauma escuta a vários profissionais com posturas divergentes. A meu pedido, meu analista argentino, teria sido avisado do acidente e com ele foi combinado um encontro pelo *Skype*. Eu estava com colar cervical, acamada. Ele não me via concretamente, mas metaforicamente eu não me sentia vista, compreendida. A minha imagem não aparecia na sua tela, para dar maior nitidez a voz, enquanto eu o via com o sofrimento no rosto. Com voz tremula e entrecortada ante o trauma, eu falava o que ele tinha dificuldades de escutar, de compreender. Eu sabia que minha mente não estava mutilada. Eu tinha que decidir com urgência ficar no Hospital em Campinas, a minha cidade, com recursos precários para meu caso; ou o risco do traslado para São Paulo, porque uma cirurgia não podia ser adiada. Também tinha consciência da irreversibilidade da lesão e chorava pelas perdas e lutos.

Mas outra decisão se impôs após esse encontro desastrado pelo *Skype*. Apesar da história analítica compartilhada, minha gratidão e respeito por meu analista, sua disponibilidade para continuar o trabalho, eu precisava de uma continência, de uma qualidade de relação presencial, do espelhamento no rosto do outro, para sair do estreitamento do horror, para lidar com o impensável e irrepresentável do trauma, que como um *tsunami* existencial levantava e sacudia os alicerces sedimentados de meu ser. Assim comecei a balbuciar e grafitar em pesadelos, sonhos e poesia o acidente e suas consequências. Para mim, nesse momento, o *Skype* era um obstáculo que congelava a imagem, dificultava a escuta que exigia precisão e nitidez, esfriava, nas interrupções e dificuldades tecnológicas, um encontro que eu precisava que fosse contínuo, caloroso, continente. Não tenho dúvidas do valor do ser do meu analista, seu compromisso comigo, interesse, mas o “empréstimo de sua mente” chegava com demora e nas inúmeras barreiras tecnológicas perdia algo precioso do valor original. Como um empréstimo financeiro, ao passar pelo caminho burocrático, pagasse taxas e impostos reduzindo o importe original.

Estaria eu ressentida já que minha análise, naquele outro *setting*, não tinha evitado o acidente? E\ou estaria eu revoltada ao estar privada da

cercania corporal de meu analista perfumado, alvo de fantasias edípicas e de múltiplas transferências com aquele verde consultório, naquele bairro, aquele café? Estaria relutante para aceitar o NOVO e minha condição de deficiente? Seria para mim difícil elaborar o luto ante a impossibilidade de viajar “*a minha Bs. As, querida*” letra de um tango, e continuar aquela análise em Bs. As. como se nada houvesse acontecido, angustia de separação e recusa, mediante? Estaria eu exigente, usando dos benefícios secundários da tragédia, querendo mais daquilo que ele podia me oferecer naquelas circunstâncias? Ou estaria eu alucinando negativamente, impossibilitada mentalmente de perceber o que existia entre nós? Era o computador alvo das projeções da dor, e ódio, do terror ante as mutilações sofridas? Ante tantas mudanças vivenciadas como catástrofes, estaria eu resistente a entrar na aldeia global e me apropriar do computador como uma migrante digital, não nascida na era do computador como os nativos digitais? Era esta mais uma exigência ante as tantas que eu tinha que aprender a usar como a cadeira de rodas.

Percebi que continuar essa análise era correr muitos riscos, como continuar em Campinas- o conhecido- ao invés de ousar outro “hospital-analista”, com outras possibilidades de acolhimento. Com esta decisão tomada, numa outra sessão nos despedimos.

Foi possível, após vencer barreiras administrativas, que uma analista escolhida por mim, que não era do corpo médico do Hospital Albert Einstein, me atendesse regularmente durante os quatro meses de internação, trabalho que hoje prossegue. Em cada sessão eu auscultava o rosto da minha analista, compartilhando silêncios quando não encontrava palavras. Na serenidade desse rosto expressivo, que espelhava minha dor com serenidade, eu re-dimensionava o horror da tragédia, ao escutar a interpretação possível. Quando o choro apagava minha voz, eu sabia que ela estava aí ao meu lado.

Não descarto o argumento que afirme, que meu caso não seria o indicado para usar o SKYPE, por estar com o trauma em carne viva, ante angustias catastróficas, pela minha singularidade que suplicava por presença qualificada etc. Esta experiência, pretende só exemplificar, com o foco do lado do paciente, os limites da psicanálise a distancia.. Mas é importante ter em

mente a nossa responsabilidade, quando o sagrado da vida está em jogo. Reconheço que este recurso me permitiu comunicar ao meu analista o acidente, e dele me despedir.

II VINHETA

Eu tinha atendido a Raul na sua residência, anos atrás, quando ele tinha uma indicação de repouso absoluto por uma hérnia na coluna cervical.

Desta vez, ante uma nova crise, eu estava em cadeiras de rodas e sua residência é inacessível. Combinamos usar o SKYPE. Ele é expert no uso das novas tecnologias.

Na hora combinada nos “conectamos”.

Ele diz estar com muita dor. Está incomodado. Está com os olhos semifechados. Eu indago se é uma expressão de dor. Ele movimenta a cabeça positivamente. Eu o vejo desfocado. Um barulho de fundo infernal, que não identifico, acentua as dificuldades.

Digo-lhe que eu não o vejo centrado na tela, e que percebo um barulho na transmissão.

Ele confessa que como sempre está cheio dos aparelhos, tudo ligado. A TV, o rádio da empresa, o tablet, o celular, o outro computador.

Comento que os aparelhos são seu refúgio, mas que ele não pode estar só com um aparelho para trabalhar hoje excepcionalmente..

“Assim não dá!! E as flores? Onde a senhora está?”

Indago “Que flores?”

As do jardim do consultório.

“O senhor estranha o consultório, nosso ambiente habitual, quer saber se eu estou bem atenta. Claro que é muito diferente hoje que quando nos encontramos habitualmente”.

Conta-me que indo ao médico ontem, fez questão de encontrar a Mario, o mendigo da rua. Ressalta que seu rosto é assustador. A metade do rosto é de pele puxada, esticada, branca, tentando dar forma a uma cara achatada. Nessa metade não tem olho. Na outra, a cor da pele é normal e tem um olho puxado.

Interpreto a vivência entre as sessões no consultório quando nos olhamos e a diferença com esta sessão achatada, sem o olhar presencial.

Ele está incomodado. Pede para interromper a sessão. Promete estar no consultório de colete nos horários combinados.

Na sessão seguinte ele entra devagar, sem os aparelhos, caminha com dificuldades.

Ao deitar no divã moedas saem do bolso. Parece Cristo na cruz, com os braços cruzados sobre o peito. Ante o silêncio do isolamento, arrisco a lhe dizer;

“Tostões caindo. Perdendo dinheiro?!”

Silêncio

A senhora é danada!!!

“Lá na construção do Hospital, a prefeitura está querendo desapropriar o terreno porque é área reservada. Eu estava me informando na internet sobre essa história no centro da cidade, em quanto conversávamos ontem. Se for assim milhões perdidos!”

Eu nada atinei sobre o conteúdo de sua busca, na sessão virtual. Qual a construção perdida? Qual o investimento perdido? Qual a história a investigar? Sobre que terreno mental eu ofereço esta saída?

É verdade que eu não domino a técnica da psicanálise a distância. Também é possível apelar a que um paciente não neurótico, muito atuador, não seria indicado para ser assim tratado. Mas destaco que ao ver as moedas saindo de seu bolso eu posso sonhar, intuir, conjecturar e abrir caminhos.

ALERTA

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

É preciso um acompanhamento detalhado destes tratamentos- base empírica- usando estas novas tecnologias, em grupos psicanalíticos experientes e heterogêneos para avaliar, em grande angular estes processos. Antes desta reflexão, parece-me muito arriscado, usar delas para analisar a futuros analistas

Privilegiar o vértice científico, com fidelidade aos fatos clínicos, e a sustentação teórica que subjaz á essa experiência, para evitar o predomínio de critérios políticos, preconceituosos e moralistas, é um dever ético da psicanálise! O fanatismo pode ascender bandeiras “a favor” ou “ contra”, cegando o pensamento.

Não se trata se apelar a uma moral super egóica e dogmática, sem moral, construída por preconceitos para escrever um código de prescrições e proibições, regras prescritivas, para modelar o afazer analítico. Mas a banalização técnica do método psicanalítico pode diluir os pilares de sustentação de nossa ciência Por isto, é preciso discutir as consequências e implicações do uso das novas tecnologias na singularidade única de cada relação.

As novas tecnologias, que permitem a psicanálise a distância inovam a tradição? Ou elas dificultam a compreensão das novas inovações teóricas e técnicas da psicanálise contemporânea?

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

BIBLIOGRAFIA

AHUMADA, J.L. Sobre o delírio de bondade. In: Descobertas e refutações: a lógica do método psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1999.

BARANGER, W., BARANGE, M. La situación analítica como campo dinâmico. Ver. Uruguay de Psicoanálisis, n.4, 1961.

BION, W. Volviendo a pensar (1: La diferenciación entre la parte psicótica y no psicótica de la personalidad; 2: ataque al vpinculo), Buenos Sires: Hormé, 1977.

BLEGER, J. Psicoanálisis del encuadre psicoanalítico, Ver. De Psicoanálisis, v. XXIV, n.2, 1967.

CANESTRI, J. (2011). Entrevista da Associação dos Membros Filiados: sobre a formação psicanalista. Jornal de Psicanálise, v. 44, PP. 45-58.

CARLINO, R. Psiconálisis a distancia: telefono videoconferência chat e-mail. Buenos Aires: Lumen, 2012.

CARR, N. O que a internet está fazendo com os nossos cerebros: a geração superficial. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARLISKY, N.J., ESKENAZI, C.K., KIJAK, M., Vivir sin proyecto: psicoanálisis y sociedad posmoderna. Buenos Aires: Lumen, 2000.

GIOVANNETTI, M Sobre migrações e transferências Revista Brasileira de Psicanálise Vol 45 N2 2011 SP

LUTENBERG, J. Tratamiento psicoanalítico telefónico. Peru: Siklos, 2010.

SCARFF, J.S. Clinival issues in analyses over the telephone and the internet. In: The International Journal of Psychoanalysis, v.93, n.1, 2012

TROTTA, M.L. El psicoanálisis y otras disciplinas en la era de la multimedia: amores por Facebook. In: Revista de Psicoanálisis: sexualidad, sueños, inconsciente, v.LXVIII, n.1, Buenos Aires: APA, 2011

ⁱⁱ “ Considero que há um tipo de angústia que transita pelo diálogo analítico telefônico que não pode ser interpretada”... “ Em este sentido a operatividade da interpretação telefônica tem características diferentes das interpretações próprias das sessões presenciais” Tradução livre da autora (Lutenberg, 2010, Pg 142)

ⁱⁱ O baluarte e definido pelo casal Baranger (1961) como um refúgio carregado de poderosas fantasias onipotentes.

ⁱⁱⁱ Carlino (2010) comenta a possibilidade de tratar a certos adolescentes , previamente diagnosticados, a distância. Não concordo com esta afirmação. Que adolescente , expert nestes recursos, os deixaria de usar para atuar, provocar, atacar ,expressar a real superioridade etc. etc. ?

^{iv} Expressão de um paciente latente na sua análise.